

Uma experiência de diálogo Brasil-Japão: alunos e professoras de ensino básico

Chie Hirose¹

Resumo: O artigo relata as diversas fases de um diálogo entre crianças brasileiras, da EMEFM Vereador Antonio Sampaio (Prefeitura Municipal de São Paulo), e seus colegas de escolas do Japão. De 2009 a 2015, as professoras, Chie Hirose (Brasil) e Ayumi Massao (Japão) promoveram a comunicação entre alunos de ambas as escolas, discutindo as culturas, paz e direitos humanos.

Palavras Chave: educação para a paz. educação para os direitos humanos. Brasil. Japão.

Abstract: This article reports the various stages of a “dialogue” between Brazilian children, students of a São Paulo public school (EMEFM Vereador Antonio Sampaio), and their colleagues of Japanese schools. Since 2009 to 2015, their teachers, Chie Hirose (Brazil) and Ayumi Massao (Japan) have promoted the communication of both schools, discussing their cultures, peace and human rights.

Keywords: education for peace. education for human rights. Brazil. Japan. mutual understanding.

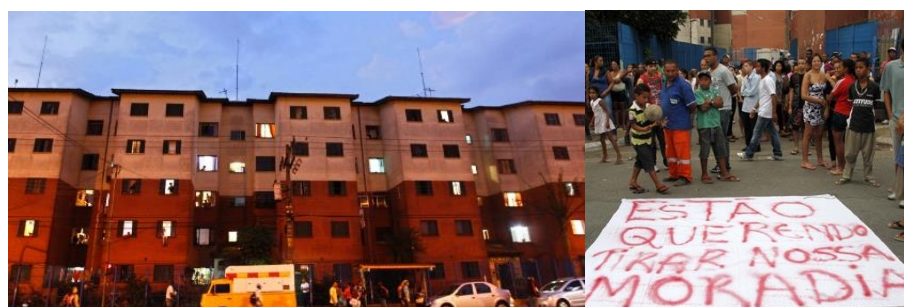
Parte I

Uma professora japonesa no Brasil

Dou aulas de Ensino Fundamental I na EMEFM Vereador Antonio Sampaio, escola que atende sobretudo crianças dos conjuntos residenciais populares da Zona Norte de São Paulo: “Parque do Gato” e “Cingapura Zaki Narchi”.



Conjunto Residencial Parque do Gato



Conjunto habitacional Cingapura Zaki Narchi. Ficou famoso em 2011, quando se descobriu que estava assentado sobre terreno com elevados níveis de gás metano e os moradores protestavam contra a ameaça de remoção.

¹. Doutora e Pós doutora pela Feusp. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Hiroshima. Professora das Faculdades Integradas “Campos Salles”. Professora de Ensino Fundamental I da rede municipal de São Paulo.

Uma feliz coincidência iria dar início a um riquíssimo diálogo entre as crianças de minha escola e seus colegas do Japão.

E é que em 2006 tive o privilégio de conhecer Ayumi Massao, professora de Ensino Fundamental em Osaka, e que tinha sido enviada ao Brasil para lecionar, por três anos, em uma escola japonesa no bairro de Campo Limpo. Instalada no Brasil, teve aulas de piano com minha irmã e, naturalmente, logo fizemos amizade e frequentemente conversávamos e trocávamos impressões sobre nosso ofício.

Em 2009 ela manifestou interesse em conhecer uma escola pública brasileira e logo a levei para o “Vereador”. Tive o cuidado de, antes de apresentar a ela a sala de aula, levá-la para conhecer o “Gato” e o “Zaki Narchi”; o que, naturalmente, causou-lhe notável impacto...

O impacto positivo veio logo a seguir, ao ingressar em minha sala de 3º. ano e deparar-se com crianças alegres e ruidosas: “São iguais às crianças do Japão!”.

A gentil visitante tinha tido o cuidado de pedir-me o nome de cada um dos meus alunos, cerca de 25, e trouxe cartões com delicada caligrafia japonesa dos nomes dos Wellintons, Luanas, Thiagos, Sheilas etc.



Essas crianças, agora adolescentes (o Vereador tem também ensino médio) ainda hoje comentam, com gratidão, que guardam com carinho esse significativo presente. No verso de cada cartão, um ideograma com palavras como amor, paz, esperança, etc.

愛 平和 希望



Esse “momento artístico” marcou (até literalmente) o início de uma grande amizade intercontinental. Graças à flexibilidade da Profa. Ayumi, que não se importou em – a pedido das crianças – aplicar a arte milenar do *shodo* (e ela teve o cuidado de trazer todo o material em sua bagagem) sobre a efêmera tela da pele...

Em 2010 Ayumi voltou a visitar nossa escola, para despedir-se desses alunos, antes de regressar para o Japão. E experimentou – diz o estereótipo que o japonês é frio e recatado – uma inundação de manifestações de afeto e carinho, potenciadas pela falta de filtros emocionais das crianças: abraços, beijos, choros..., eloquentes sobre a afetividade dessas crianças, mesmo sem entender quase nada de nossa língua.

Nesse dia ela conheceu também as crianças – de 5 ou 6 anos – que estavam, então, ingressando na Escola e que seriam meus alunos em 2011 e nos dois anos seguintes. Essa turma protagonizará uma outra história com a Profa. Ayumi e seus alunos.

Em 2011 Ayumi teve a oportunidade de fazer uma breve visita a nosso país e fez questão de dedicar um par de tardes aos meus alunos no Vereador. Aquelas crianças, então já no 2o. ano, reconheceram a professora japonesa e, antes de mais nada, dirigiram a ela perguntas e falas que a tocaram profundamente: “Professora, a senhora estava bem?”, “Onde a senhora estava na hora do tsunami?”, “Eu orei muito pela senhora”, “Sua família ficou bem”, “Nós pensamos muito no seu país”, etc.

Lembro-me, como se fosse hoje, da comoção da Ayumi ante a sincera preocupação das crianças; eu mesma me surpreendi com a *sym-pathia* de meus alunos: a emoção atrapalhando meu trabalho de tradutora.

Uma impactante surpresa para nossa visitante. Como é que essas crianças, que tinham tido somente o contato de alguns minutos no ano anterior com a professora estrangeira, podiam ter se preocupado tão seriamente com a tragédia em outro continente? Qua capacidade é essa de sentir o outro? foram as perguntas que, depois, Ayumi dirigiu a mim.

Ayumi tranquilizou as crianças – ela e seus alunos estavam em uma cidade distante – mas tirou da bolsa uma carta, que lhe tinha sido enviada pelo avô de uma das crianças japonesas de Campo Limpo, que descrevia detalhes do que esse senhor e

seus vizinhos tinham vivido. A força do concreto – desaparecimento de pessoas realmente conhecidas; suas ruas varridas do mapa; as escolas menos devastadas transformadas em abrigos etc. – e como o Sr. Miyaguchi conseguiu sobreviver, tudo isso complementou o que tínhamos acompanhado pela mídia.

Ayumi perguntou para as crianças como estavam sabendo do tsunami. “Claro, professora, nós vimos na televisão e também estudamos aqui na escola os jornais e revistas e pedimos muito a Deus que ajudasse as crianças do Japão”. E puxando-a pela mão, levaram-na ao fundo da classe para que visse o painel que tinham feito com o professor de artes sobre a tragédia. Além dos desenhos, as crianças deixaram, nesse painel, votos de superação e encorajamento.

Fui traduzindo para Ayumi, que se emocionava mais e mais a cada mensagem do painel.



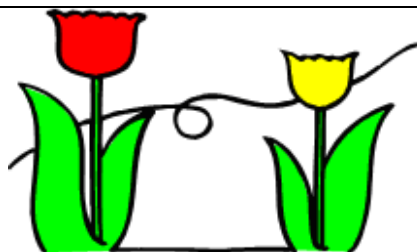
Uma vez no Japão, Ayumi apressou-se em contactar o Sr. Miyaguchi e transmitir-lhe as impressões daquelas crianças brasileiras. Sensibilizados, pediram que eu lhes enviasse pelo correio o painel de meus alunos, para fazer chegar às crianças da região afetada pelo tsunami, a solidariedade dos alunos do Vereador.

Na aula seguinte, transmiti às crianças esse pedido e pedi licença para enviar o painel. Elas recusaram veementemente: “Não, se é para mandar para as crianças do tsunami, vamos é fazer um novo, especial para elas! A gente precisa sentir no coração o que a gente vai querer dizer para elas!”.

Assim, nas duas semanas seguintes – que bom que ainda temos alguma flexibilidade de currículo nas escolas públicas...! – paramos tudo para dedicarmo-nos

– com uma motivação incrível – exclusivamente a esse novo projeto, tão enriquecedor. Para as crianças tratava-se – e assim era na realidade – de envolver-se com um pedido de dois queridos amigos: a Ayumi e, a partir de agora, o Sr. Miyaguchi.

O entusiasmo era tanto que não se tratava já só de um novo e caprichado painel. As crianças resolveram dividir a sala em equipes para escrever cartas: para a Profa. Ayumi; para o Sr. Miyaguchi; para as crianças do tsunami; para as famílias. “Assim ninguém fica esquecido, não é, professora?”



Esperança

Nós entendemos o seu sofrimento com vocês e o seu coração; com essa tristeza que aconteceu no Japão deste Tsunami.

Nós vamos entender o seu sentimento de tristeza.

A gente deseja muita Esperança do acontecimento do Tsunami.

Pode ser o terceiro ou segundo Tsunami, tanto faz. Mas não fique assim. Um dia vai acabar, sim, um dia.

Um beijo carinhoso para vocês que estão sofrendo. Não se preocupe que vai acabar o Tsunami.

De: Bruno Santos Bezerra, Caio Arruda Lopes, Cleyton Matheus M. Madeira, Eliseu Secundo Palandi, Gabriel Raia Santos, Rafael Tartalho

Dentre as muitas cartas, esta foi feita para acompanhar o painel.

Ao enviar o material (traduzido, obviamente), senti que devia para Ayumi e Miyaguchi que as cartas foram escritas a partir de vivências das crianças, que convivem com a realidade de enchentes e incêndios. Quando no meio de uma aula começa a chover e trovejar, muitos dos alunos choram desesperadamente, pensando em suas famílias e conhecidos; ficam agitados, sobem nas carteiras para ver as dimensões da tempestade; alguns pedem abraços, outros começam a rezar. A aula é totalmente interrompida. Alguns moram em barracos; outros em áreas de risco, mesmo sendo condomínios da Prefeitura... Com a experiência acumulada em seus poucos anos de vida, já sabem muito bem desses medos.

Sendo época da Semana Cultural em nossa escola (novembro), tive a grata surpresa de que, por iniciativa de meus alunos, a contribuição de nossa classe seria precisamente esses materiais que as crianças produziram: para que todos na Escola e os visitantes, pudessem se sensibilizar e solidarizar com as vítimas do tsunami (mesmo que a mídia já tivesse mudado de assunto, as crianças sabiam que o sofrimento no Japão continuava). Além do mais, de qualquer modo teriam de esperar para enviar o material para o Japão, pois o Correio permanecia em greve...

Quando a Ayumi mostrou a seus alunos do 3º. ano o painel e as cartas, eles ficaram comovidos e, por sua vez, quiseram juntar seus sentimentos para as crianças de Miyagi, região de Tohoku, onde o Sr. Miyaguchi mora. Elaboraram um *senbatsuru*, a tradição de votos de recuperação: mil pássaros em origami. A Profa. Ayumi quis levar pessoalmente essas mensagens para as crianças daquela zona, que, mesmo após um ano, ainda estava em reconstrução.

A escola de Miyagi quis retribuir a seus colegas brasileiros e japoneses, enviando desenhos e um vídeo no qual cantam “Tesouro”, celebrando sua pequena comunidade de Oozu. Naturalmente, meus alunos ficaram muito tocados com essas mensagens a eles dirigidas. Pelo vídeo percebemos que a escola de Fundamental I estava muito reduzida e ainda eram visíveis os efeitos da tragédia...

Parte II

Reencontro com a amiga Ayumi – celebrar a paz

Em julho de 2015, Ayumi, escreveu-me que estaria de volta a São Paulo para uma breve estada. E quis reencontrar aquela turma, quatro anos depois.

Quando consultei minha colega Jô, Profa. Maria Josenita Viana, de utilizar sua aula de história para esse encontro, comentei que gostaria de aproveitar a visita para dialogarmos com Ayumi sobre os 70 anos do fim da II Guerra Mundial, que coincidiria com a semana em que ela estaria no Brasil. Ante o entusiasmo de seus alunos em reencontrar a Ayumi, a Jô propôs estender o diálogo a outras classes, nas quais havia “ex-alunos” da Ayumi. E foram quatro dias de encontros com um total de 11 turmas de nossa escola!

A Jô indicou que os alunos – do Fundamental II e do Ensino Médio – se preparassem para esses encontros estudando sobre a sociedade japonesa e sua história. Ela mesma preparou um vídeo de três minutos sobre o episódio de Hiroshima.

Para a “sua” turma brasileira de 2011, Ayumi fez questão de contar a repercussão que, ainda hoje, tem em sua escola do Japão aquelas mensagens que, na época, com tanto carinho eles enviaram. E que, em todos esses anos, ela sempre comenta com seus alunos sobre os amigos brasileiros. E que os alunos de sua turma atual, de 4ª. série, especialmente tocados por aquele gesto, comentaram que queriam

ser de coração tão generoso e sensível, como as crianças brasileiras – Ayumi contou alguns comentários que ela tinha ouvido: “Elas vivem em meio a tantas dificuldades e, mesmo assim, encontraram espaço para se lembrar e solidarizar-se com as crianças de nosso país” “De onde vem essa ternura?” “Eu também quero ser assim”. E decidiram pesquisar sobre o Brasil e enviaram, pela professora, origamis e desenhos, em agradecimento.

Muitos adultos do Vereador, que assistiram ao encontro com Ayumi e os alunos de 8ª. série, ouviram pela primeira vez toda a história dessa amizade internacional entre as crianças. Enquanto ouviam esses relatos da Ayumi, nossos alunos deram-se conta da grandiosidade da história que tinham vivenciado e ainda estavam vivenciando.

Isso se notou, já em um primeiro momento, quando a Profa. Ayumi perguntou se eles teriam a gentileza de ver os materiais que lhes tinham sido enviados – e a reação foi um estrondoso SIM. Ruidosos entusiasmos também ante as peças que Ayumi ia mostrando.





Ao final desse encontro, resolvemos repassar, como em um álbum, fotos e vídeos dessa nossa turma com a Ayumi há quatro anos; lembranças muito emotivas, que os faziam oscilar do riso aberto a lágrimas contidas. Ao despedirem-se da Profa. Aiumy, ofereceram a ela uma poesia. Como em todos os passos desse processo, também aqui, cada lance reforça o interlocutor e o convoca a uma nova ação que, por sua vez realimenta a dinâmica de interação. Nesse ponto, foi a vez de a visitante se emocionar até as lágrimas, com os singelos versos que celebravam sua vocação de professora.



Alunos do 8o. ano. Ao centro, Profa. Ayumi; última à direita, Chie Hirose.

E o encontro com aquela primeira turma, agora jovens do Ensino Médio?



Alunos do 2º. ano do Ensino Médio, em torno à Profa. Ayumi.

Como eu já esperava, profundamente tocante. Todos se lembravam perfeitamente das vivências de 2009. Nesse clima de cálido reencontro, evocamos o 6 de agosto de 1945, assistindo juntos às imagens fortes de Hiroshima, relembando a leitura – seis anos depois – que tínhamos feito de um livro infantil sobre a bomba (*Sadako e os mil tsurus*), naquela ocasião.

Ayumi, nascida e educada em Hiroshima, compartilhou suas preocupações sobre a guerra e a bomba, sempre presentes em sua vida escolar. E tem de responder a inúmeras perguntas de nossos alunos sobre os efeitos – que se estendem até hoje – daquela catástrofe.

A pergunta que, em diversas formulações, mais se repetiu foi: se os japoneses carregam ainda ódio dos americanos e como é a convivência dos dois países atualmente. A Profa. Jô nos alertou para um sentido profundo (e não evidente para quem não é da comunidade) por trás dessa questão que, como se verá, não é meramente escolar ou teórica... E é que, naquela mesma semana, toda a cidade de São Paulo estava em estado de choque com a chacina (mais uma...) de Osasco e Barueri. Em seu ambiente familiar, esses jovens são confrontados frequentemente com casos de conhecidos, vizinhos, ou até parentes, vítimas da cultura da vingança – assassinatos, chacinas, abusos da polícia, guerras de traficantes. Como bem resumiu a Jô para informar a Ayumi: “Nossos jovens vivem a violência de uma guerra todos os dias!”



Profa. Maria Josenita Viana

Então, Ayumi termina essa aula-diálogo com uma reverência de agradecimento aos jovens dizendo: “Com vocês aprendi algo sobre a busca da paz e vou levar isto para meus alunos no Japão”.

Ao despedir-se de mim no aeroporto, Ayumi repete o gesto oriental da reverência e agradece por tudo que está levando: cartas, cartões, desenhos e o principal: as impressões que guarda no coração!

E assim termina a experiência de encontro; ou melhor seu relato: a experiência, certamente, se estende e se torna – par todos os que dela participaram – reflexão, ou mesmo sabedoria...

Parte III

Breves considerações finais

Sabemos das dificuldades que nós, professores, temos para, na prática, incluir no ensino os temas transversais dos PCN. Alguns se “desincumbem” dessa tarefa com atividades artificiais (ou até postizas...) para, como se diz no jargão do futebol, “cumprir tabela”.

E é que talvez – e espero que o que aprendi com essa experiência possa ser útil – o tratamento integrado dos temas transversais se dê de modo bem distinto dessa proposta programada “formal”. A mídia e a “obrigação curricular” insistem em tratar temas importantes do mundo contemporâneo, por exemplo, a realidade de tragédias naturais com conceitos abstratos.

Como bem alerta Maffesoli:

É essa a dificuldade que existe para apreender-se a pós-modernidade nascente, dificuldade que consiste em reduzir um real denso e complexo a uma “realidade” mensurável. Compartmentando seu estudo em disciplinas separadas e que se excluem, chega-se a uma “vida social” do qual a própria vida está ausente. A taxonomia, quer dizer, o prurido das leis, leva à taxidermia: mata-se o objeto para melhor estudá-lo. Com isso, não é mais possível enxergar, não se sabe mais como enxergar, instala-se uma recusa de enxergar o vivido, inclusive naquilo que tem de dinâmico e inquietante. A grande mentira impera, senhorial, na sociedade estabelecida. Ouçamos Marcel Proust: “é de tanto mentir aos outros, e também a nós mesmos, que deixamos de perceber que mentimos”. Dito e feito! É essa mentira que é preciso superar se, por honestidade intelectual, queremos estar afinados com a ambiência do momento., com ruído de fundo do mundo. (MAFFESOLI, Michel. *Saturação*, São Paulo: Iluminuras, 2010.pg.13)

Todo esse nosso relato nos faz perceber o movimento constante que ocorreu entre vários protagonistas dessa nossa história: Crianças que observam a professora que fala outra língua; a professora que observa a moradia das crianças; as crianças que observam a arte milenar da caligrafia; a caligrafia que é marcada na pele das crianças; as crianças que observam o Tsunami; a professora que observa o Tsunami observado pelas crianças; crianças que observam crianças estrangeiras reagirem frente às vítimas do Tsunami; crianças que observam a reação de volta das vítimas do tsunami. Os adultos que observam o movimento de ir e vir de um grupo de crianças com a

professora japonesa. Os participantes, o tempo, a história, os espaços, o próprio acontecimento natural são intensamente alternando seus papéis de sujeito e objeto; que na verdade, melhor seria falar de “sujeitobjeto”, naquele sentido em que tenho insistido, em outros estudos, de “confundente”, “campo confundente”.

E é que o mundo escolar (naquele sentido **concreto** de que fala a Profa. Roseli Fischmann: “o chão da escola”) e nosso mundo como um todo, estão vivos.

Na experiência relatada, as coisas não acontecem simplesmente “porque sim”: existe uma parte que é trazida pelo cotidiano escolar e outra parte que acontece **porque** os educadores fazem acontecer (principalmente quando queremos que faça acontecer no caso de escolas públicas...). Em nosso relato, percebemos até que ponto a vida dos participantes está comprometida com temas (que não são meros “temas”...) como paz e violência? Assim, é possível e mais fácil estabelecer autênticas parcerias.

Com a Profa. Ayumi, mais do que parceria, houve uma profunda sintonia: nossas histórias de vida (também minha família é de Hiroshima), convicções pedagógicas e valores.

Uma outra sintonia neste relato: a Jô sendo uma professora sensibilizada com a situação de vulnerabilidade e de violência da nossa região de Santana / Carandiru, optou por permanecer como parte desta comunidade, trabalhando há 15 anos com as crianças e jovens da nossa escola.

O desejo e a convicção das professoras foram o combustível da energia que nos regeu para dirigir e acolher os movimentos espontâneos das crianças e dos jovens.

Um outro aspecto importante dá-se quando situamos as crianças e os adolescentes em situação econômica de risco como um ser-em-relação. A escola, sendo referência social no processo de desenvolvimento deles, além de ser o espaço “do saber” ou da ascensão profissional, inclui também a dimensão do âmbito no qual se estabelecem vínculos. A insistência de Ayumi, ao longo desses anos, em se relacionar com nossos alunos e fazer a ponte entre duas culturas, fez com que esses alunos – raramente visitados pela sociedade brasileira – se tornassem protagonistas de uma história. Quando valorizamos a qualidade de um vínculo possível dentro da escola, acreditamos que é capaz de suscitar mudanças e transformações necessárias ao fortalecimento do sentimento de pertencimento e também de inclusão na sociedade em que vive. Todo jovem necessita construir vínculos, pois, quando não os há, ele tem dificuldade de formar seus afetos. Qualquer pretensão de construção de uma sociedade de paz, passa pelos fundamentos que possam sustentar esse projeto. Como diz Elias:

A identidade coletiva e, como parte dela, o orgulho coletivo e as pretensões carismáticas grupais ajudam a moldar a identidade individual, na experiência que o sujeito tem de si e das outras pessoas. Nenhum indivíduo cresce sem esse alicerce de sua identidade pessoal na identificação com um ou vários grupos, ainda que ele possa manter-se tênue e ser esquecido em épocas posteriores. (ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 133)

Nesse processo de reflexões sobre os acontecimentos aqui relatados, lembrei-me do impactante artigo de Steve Leeper:

Se a paz é melhor que a guerra, então, como os seres humanos devem mudar? Quais mudanças devemos fazer em nossos corações, em nossas mentes, em nossos sistemas econômicos, políticos e sociais para evitar a guerra e preservar a paz? A razão pela qual a cidade, a província e as escolas de Hiroshima – e mesmo os *hibakusha* – não dão o passo seguinte é porque todos evitam se tornar “políticos”. Dizer aqui que queremos paz não é *político*, mas logo que se começa a falar naquilo que se quer mudar, ah, isto se torna *político*. (...)

As armas nucleares não foram banidas porque o medo, o ódio e a competição feroz ainda são as forças dominantes na sociedade humana. Então, a questão real é esta: como reduzirmos a influência social, política e econômica do medo, do ódio e da competição feroz? (LEEPER, Steve. “Educação e ação para a paz e sustentabilidade humanas – abolição das armas nucleares”. Revista de Educação do COGEIME; ano23; n°45; jul. – dez. 2014; São Paulo.pg 66, 67)

O confundente na metodologia, o confundente na inclusão, o confundente na paz. Quero terminar essas considerações, recordando um imensamente sugestivo fato semântico das línguas semitas: a acumulação de sentidos da palavra hebraica *Shalom*; a mesma que ocorre na correspondente árabe *Salam*.

Como ensina Jean Lauand:

Paz é somente um dos múltiplos significados confundidos em S-L-M [Salam/Shalom].

S-L-M significa igualmente, por exemplo, unidade, integridade física ou moral: quando eu quebro este giz, sofro um ferimento, estabeleço uma separação ou produzo uma peça com defeito estou rompendo a S-L-M. Daí que o nome SaLyM, tão freqüente entre os árabes, signifique “o íntegro”, o que não se corrompe... Naturalmente, ninguém no Ocidente diria de um giz quebrado que ele perdeu sua “paz”, associação evidente e conatural para o semita. É por isso que, fora do contexto confundente semita, é extremamente enigmática a formulação do apóstolo Paulo, que, escrevendo em grego (mas pensando com sua cabeça semita) diz que “Cristo é nossa paz...” (*Autos gar estin he eirene hemon...* Ef. 2, 14), fórmula que os cristãos ocidentais repetem devotamente, mas sem compreender seu significado. E quando examinamos a razão pela qual o apóstolo afirma que Cristo é “nossa paz”, aí a perplexidade do Ocidente torna-se total: “Cristo é nossa paz porque Ele quebrou o muro... (!?) e de dois fez um”. O que, para um semita, é totalmente natural. (Lauand, J. “Pensamento confundente e neutro em Tomás de Aquino” Revista Notandum, No. 14, 2007, <http://hottopos.com/notand14/lauand.pdf>)

Essa disposição de unidade, de “quebrar muros” e incluir é o pressuposto de toda educação para a paz, que começa sempre pela vivência concreto do outro, com a disposição de compreender, acolher, conviver e aprender.

Recebido para publicação em 17-09-15; aceito em 05-10-15